

A HERMENÊUTICA NEOPENTECOSTAL E O INDIVIDUALISMO

Extraído do documento da Igreja Cristã Reformada sobre “Renovação Carismática”.

Em nosso estudo já temos destacado nosso apreço pela freqüente e reiterada ênfase sobre a Bíblia que há na literatura neopentecostal. O neopentecostal testifica que a experiência do “batismo do Espírito Santo” o estimula a uma volta à Bíblia, a submergir-se nela, a lê-la, aprender, marcar e digerir interiormente a Bíblia. Para os neopentecostais a Bíblia é um livro apaixonante. Por isto, a igreja deve estar muito agradecida. Entretanto, quando alguém examina como se utiliza a Bíblia entre os neopentecostais, talvez se sinta um tanto frus-trado em seu entusiasmo pela insistência sobre a necessidade e importância da Bíblia. A interpretação neopentecostal de seções específicas da Bíblia, freqüentemente, refletem uma leitura de interpretação privada e individualista. Uma boa ilustração da técnica de interpretação bíblica encontrada entre os neopentecostais se encontra em *The Holy Spirit and You* (O Espírito Santo e Você – Painfield, New Jersey, Logos International, 1971, Pg. 199).

“Portanto, dedique parte do tempo para ler a Bíblia na expectativa de que o Espírito Santo fale a você através das suas páginas. Quando fizer isto, prepare-se para ter uma surpreendente compreensão e algumas interpretações inesperadas! O Espírito Santo pode usar as Escrituras de forma muito livre e alegórica, quando assim lhe aprover. Pode ser que veja um detalhe de descrição do templo, ou um detalhe em um ponto inesperado de uma longa lista de nomes, e de pronto terão para ti uma significação espiritual. Quando for dizer algo a outra pessoa, pode ocorrer de te olharem sem compreender, mas não se desalente por isso. Essa parte era para você! O Rev. J. A. Dennis, de Austin, Texas, conta em seu testemunho como foi curado ao apegar-se a uma promessa que apareceu para ele nas Escrituras. Estava sofrendo de moléstias estomacais, e o Espírito Santo lhe mostrou o texto: “Eu tirarei do meio de ti toda enfermidade” (Ex. 23:25). “Isto é para mim!”, disse J. A. Dennis. “No meio de mim, em meu estômago, sinto a enfermidade. Deus a tirará”. E Deus lhe curou completamente, tirando-lhe o mal. Depois o Rev. Dennis contou o ocorrido a um erudito bem preparado na Bíblia, que riu e disse: “Mas não é isso o que significa o versículo!” J. A. Dennis foi curado, mesmo assim, porque o Espírito Santo disse: “Isto é o que eu quero que isto signifique para ti, para edificar-te na fé”. Este tipo de inspiração é para benção, não para doutrina.

J.A. Dennis, lendo assim Êxodo 23:25, reflete uma hermenêutica em que a iluminação privada e imediata do Espírito Santo é o (único)

elemento importante na leitura da Bíblia. Quando alguém atribui a compreensão de uma passagem bíblica à iluminação privada, imediata (sem levar em conta a clara intenção das palavras bíblicas do contexto) do Espírito Santo, não se pode por em dúvidas a autenticidade, autoridade e validade desta interpretação, uma vez que, pelo ponto de vista neopentecostal, tentar por em dúvida a validade desta forma de leitura implica em uma oposição ao Espírito Santo.

Quando escrevemos acerca da “iluminação imediata do Espírito Santo”, assinalamos que na literatura neopentecostal que temos investigado, as palavras, frases e orações da Bíblia servem como propulsores que precipitam um encontro direto entre Deus e o indivíduo. Este encontro Deus - homem não ocorre isolado da Bíblia, mas a Bíblia funciona de forma muito limitada neste encontro. A Bíblia serve como instrumento, por meio do uso da qual alguém experimenta a Deus mesmo em forma direta. Deus fala diretamente ao indivíduo. Ele instrui o indivíduo; a si mesmo se mostra ao indivíduo.

Historicamente a comunidade reformada tem repudiado a possibilidade de um encontro direto com Deus. A comunidade reformada tem confessado que encontramos a Deus somente nas obras de Deus em nosso mundo e a nosso favor (suas obras de criação, providência e redenção). Reconhecemos e confessamos a Deus, o Criador Redentor, no que Calvino virá chamar de “sinais de sua presença”. A Bíblia é indispensável neste reconhecimento e confissão. A Bíblia é a norma à que deve conformar-se toda experiência. Como comunidade olhamos o nosso mundo por meio dos lentes da Bíblia. Quando assim o fazemos, reconhecemos e confessamos a Deus, o Redentor Criador, como atuou e atua no universo nosso favor. Este reconhecimento e confissão não são atos autônomos. São atos iniciados e precipitados pelo Espírito de Deus. Assim, como o Espírito guia à igreja na interpretação da Bíblia, ele opera por meio do contido na Bíblia e em conformidade com ela; ele não atua fora do marco do contido da Bíblia. Entendemos que esta é a ênfase de João 14:26; 15:26, 27; 16:12-15.

Ainda mais, na literatura que temos investigado, a experiência neopentecostal de Deus mesmo, que disse ser efetuada pelo Espírito Santo, por meio das palavras, frases e orações da Bíblia, ocorre no contínuo espaço-tempo, mas é diferente e distinta de uma experiência histórica. É uma experiência “espiritual”. Neste contexto, julgamos que a expressão “espiritual” tem a função de antítese ao “físico”, àquele que pertence à vida nas esferas físicas e culturais deste mundo. É uma experiência “direta” de “outro mundo”, de uma “esfera diferente”. Esta experiência é efetuada pelo Espírito por meio de palavras, frases e orações da Bíblia, mas o contexto da experiência não é necessariamente controlado pelo conteúdo daquelas palavras, frases e orações no sentido que pode deduzir-se por meio da exegese histórico-gramatical da Bíblia.

Quando a interpretação que alguém faz da Bíblia é atribuída à iluminação privada e imediata do Espírito Santo, não fica critério algum disponível à comunidade cristã para avaliar a interpretação. Conseqüentemente, a conduta cristã que este tipo de interpretação da Bíblia estimula é uma conduta privada, individualista. (Nos limitamos neste ponto à conduta cristã porque essa é a limitação que os Bennett põe nesta forma de leitura ou interpretação da Bíblia: “Este tipo de inspiração é para benção, não para doutrina”).

Exortamos a nossos irmãos e irmãs neopentecostais a serem sensíveis aos perigos envolvidos no ato de atribuir à iluminação imediata e privada do Espírito Santo a interpretação que algum indivíduo faz de uma passagem específica da Bíblia. Este tipo de interpretação bíblica põe em perigo o caráter corporativo da igreja cristã em que um Espírito opera em todos os membros do organismo da igreja para proveito do corpo de Cristo. Paulo nos disse que “vós (plural) sois corpo (singular) de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo” (1 Co. 2: 27) .

Questionamos também a análise que os Bennett fazem do caso de J. A. Dennis. Este caso contém evidência que é adequada para indicar que a dinâmica operativa na interpretação da Bíblia é sempre completa. As circunstâncias em que se encontrava J. A. Dennis condicionaram sua interpretação da Bíblia. Isto é o que o amigo de J. A. Dennis, “erudito bíblico com boa preparação”, tratou de fazê-lo entender. A interpretação de J. A. Dennis não foi um ato imediato do Espírito Santo. Foi um ato mediato. Ainda mais, foi um ato privado, individualista de J. A. Dennis. Esteve de tal modo condicionado pelas circunstâncias, que extraiu um texto da Bíblia de seu contexto lingüístico e histórico. Logo foi interpolado no marco de sua vida. J. A. Dennis, recordamos a nossos irmãos neopentecostais, é membro da comunidade cristã. Como tal, participa de um Espírito, o Espírito de Cristo, que é dado a cada um individualmente como Deus quer. No entanto, o Espírito reparte a cada membro da comunidade cristã com o propósito de alcançar o bem comum (1 Co. 12).

Não encontramos evidência na Bíblia que permita a conclusão de que há dois tipos de atividades do Espírito Santo na igreja cristã: uma que está dirigida à benção do indivíduo isolado da comunidade de Cristo, e uma segunda que opera no indivíduo, mas que está dirigida ao bem estar de toda a comunidade de Cristo.

Os Bennett aconselham aos cristãos que dedicam parte do tempo à leitura da Bíblia esperando que o Espírito Santo lhes fale das suas páginas. Nesta técnica de interpretação bíblica, o cristão não usa ferramentas para discernir o significado da Bíblia, para interpretá-la. O cristão está passivo. É uma tábula sobre a qual Espírito Santo, pelo veículo das palavras da Bíblia, escreve a mensagem privada, individualista de Deus para ele nas circunstâncias do momento. Essa mensagem pode coincidir com o sentido das palavras bíblicas, ou pode

diferir do sentido das palavras bíblicas. Queremos assinalar que este modo de interpretação bíblica supõe um modo atomizado da igreja de Cristo, no qual cada indivíduo está só e imediatamente na presença de Deus.

Ademais, queremos fazer duas perguntas ao respeito.

1. Ainda que este modo de leitura bíblica pareça enfatizar grandemente o papel de Deus na iluminação e direção dos cristãos, não faz ele violência ao quadro bíblico do homem, como parte do pacto de Deus, que é sempre responsável perante Deus por sua fé e conduta? O quadro bíblico do homem é algo em que o homem não está isolado dos fatores históricos, políticos, sociais e econômicos que operam em seu meio. Deus não lhe fala isoladamente destas coisas. Além disso, os processos do pensamento do homem não são ignorados no quadro bíblico da época do pacto entre Deus e o homem (por exemplo, quando Adão põe nome aos animais). Estes processos também são obra de Deus. A hermenêutica neopentecostal faz violência à obra de Deus. Não honra a Deus tanto como a primeira vista parece que o faz.

2. Não viola este modo de interpretação bíblica a atividade mediata de Deus na revelação e na produção da Bíblia, a Palavra escrita de Deus? Podemos formular esta pergunta de outra forma: Não viola este modo de interpretação bíblica o modo que tem operado na comunidade reformada, sob os nomes de “revelação histórica” e “inspiração orgânica”?

Em nenhuma literatura neopentecostal, a iluminação privada, imediata do Espírito é afirmada de um modo tão crasso, que parece assim tão controversa, como a encontrada no livro de Rita e Dennis Bennett. Entretanto, deve-se perguntar se a perspectiva declarada que grassa difere de forma significativa da perspectiva em operação no livro dos Bennett. Walter Hollenweger (Los pentecostais, Pg. 298) nos proporciona uma ilustração que se encontra no manual da União do Pleno Evangelho.

Deus não se está confinado à palavra escrita. Ele fala diretamente do jeito que a Bíblia claramente ensina que o fez no passado. Ele não dirige a ninguém em sentido contrário às normas de justiça ensinadas na Bíblia, mas em sua orientação direta sempre dá a conhecer sua vontade a uma pessoa de uma forma completamente alheia à qualquer declaração escrita de escritura conhecida para a pessoa.

Resumimos os problemas envolvidos na posição sustentada nesta citação.

1. Essa citação ignora a diferença entre o caráter primário e normativo da Bíblia e o caráter secundário, subordinado a todos os demais contextos históricos.

2. Em se concedendo validade à posição sustentada nessa citação, ficar-se-ia sem critério para declarar que Deus não dirige alguém de forma contrária às normas de justiça ensinadas na Bíblia.

3. Se, igualmente, concede-se validade à posição sustentada nessa citação, como pode alguém confessar que a Bíblia é nossa única regra infalível de fé e prática?

Reconhecemos que há cristãos, incluindo os da Igreja Cristã Reformada, que freqüentemente falam de ler a Bíblia “devocionalmente”. É difícil afirmar o que sugere este termo. Esperamos que esta expressão não tenha o propósito de sugerir que a razão não funcione na leitura da Bíblia. Ainda mais, esperamos que a expressão não sugere que o significado de uma parte específica da Bíblia obtida em “leitura devocional”, difere do sentido do mesma passagem quando discernida por meio do uso das ferramentas lingüísticas e históricas que a comunidade cristã tem forjado através dos séculos .

Desde logo, reconhecemos que em nossa leitura individual corporativa da Bíblia ou na interpretação dela, podemos ler uma porção específica da Bíblia dez, ou até cem vezes, sem que essa passagem nos “fale”. Em diversas e mutáveis circunstâncias de um momento em particular, no entanto, aquela palavra resplandece como sol resplandecente. Descortina-se um novo mundo. O que parecia ser uma palavra morta ganha vida, e gera vida. Este fenômeno é completamente diferente do que os Bennett descrevem. Este fenômeno pode ser resultado, em parte do uso de novas luzes lingüísticas ou históricas. Pode ser, em parte, o resultado de um novo contexto histórico que é análogo ao do autor bíblico. Em parte, pode ser o resultado da leitura da passagem bíblica sem algumas das lupas de interpretação que se tem aderido ao texto historicamente as quais tem tirado todo o seu brilho.

Ademais, reconhecemos que uma passagem bíblica específica nas circunstâncias atuais pode ser um sol resplandecente para uma pessoa, mas pode falhar em sua intenção de comunicar a significação desta passagem a outra pessoa ou grupo de pessoas. A mesma palavra que trouxe uma mensagem poderosa em sua circunstancia pode não ser uma mensagem a outro em outras circunstâncias. O outro pode dar graças a Deus por esta evidência da atividade de Deus, mas a passagem bíblica específica, esta vez, pode não tocá-lo. Este fenômeno também é muito diferente do descrito pelos Bennett. Este fenômeno não depende da ignorância das ferramentas lingüísticas e históricas forjadas historicamente pela comunidade cristã. Por uma parte, este fenômeno indica que a interpretação bíblica está em parte culturalmente condicionada. Por outra parte, este fenômeno indica que a interpretação bíblica envolve uma dimensão que pode ser reconhecida e confessada, mas que não admite descrição racional ou definição - o que a

comunidade reformada denomina “testemunho interior do Espírito Santo”.

A comunidade reformada historicamente tem enfatizado a necessidade e importância de usar ferramentas na interpretação da Bíblia. Estas ferramentas são propriedade comum da comunidade cristã, estão ao alcance de todo membro da comunidade cristã, na medida em que a Bíblia tem sua função na comunidade. A comunidade cristã forjou estas ferramentas. Confessamos que o Espírito de Deus operou na comunidade cristã, a medida que estas ferramentas estavam sendo desenvolvidas. Não devemos considerar que estas ferramentas são uma pura produção humana, que foram forjadas de forma isolada da presença ativa contínua e fiel de Deus entre os homens como Senhor. As ferramentas são da lingüística e as do historiador. São o dom de Deus para a comunidade cristã e para o cristão individual. Com isto não queremos induzir que todo crente deve ser lingüista ou historiador. Queremos enfatizar que interpretamos a Bíblia sempre na comunidade cristã que é formada e moldada pela atividade do Espírito, que atua mediatamente na comunidade cristã pelo veículo destas ferramentas lingüísticas e históricas.

Ao avaliar uma interpretação particular de uma passagem bíblica específica, devemos levar em consideração as ferramentas que o homem usa e a forma com que as usa. Não se usa ferramentas no vazio. O contexto, a perspectiva dentro da qual atua um indivíduo, influi significativamente na forma com que se usa ferramentas, e, o que se produz com elas. Ademais, a perspectiva dentro da qual atua, não resulta de uma relação imediata entre o indivíduo e o Deus Trino, a qual é realizada e mantida por meio da Bíblia. Deus usa a comunidade de fé, com sua tradição de leitura bíblica ou interpretação para influir e formar o indivíduo. O indivíduo funciona dentro da comunidade de fé. Deus também usa o indivíduo formado e moldado para enriquecer e influir na comunidade de fé. Não queremos eliminar o Espírito Santo neste processo. Ele opera na comunidade da fé e no indivíduo como membro da comunidade da fé para dirigir a toda a comunidade na verdade. O que estamos sugerindo é que a interpretação bíblica é um ato muito mais complexo que o que nossos irmãos e irmãs neopentecostais supõem.

Em conversação com outra pessoa a respeito da interpretação bíblica, devemos trabalhar de forma clara e cuidadosa com a perspectiva dentro da qual operamos as ferramentas que usamos. A comunicação se interrompe quando não fazemos isto. Começamos a falar duas línguas distintas. “Vivemos em mundos diferentes”. Algumas ilustrações tomadas do livro de Bennett podem aclarar este ponto. (Usamos o livro dos Bennett devido a sua importância histórica no surgimento do neopentecostalismo, e por que são representantes moderados do movimento).

“Não podes encontrar a Deus tateando?”, pergunta a Escritura, e a resposta é: “Não, pela busca intelectual e filosófica jamais poderás encontrar a Deus”. Só podes, se buscares a Deus por teu “coração”, isto é, por tua fome interior de encontrar-te com ele, o Deus pessoal, não um conjunto de princípios abstratos. A gente disse: “Estou buscando a verdade”, mas Jesus disse: “Eu sou a Verdade” (pgs. 43, 44).

Podemos distinguir um fator envolvido na perspectiva dos Bennett que implica, pelo menos, em discussão: a saber, o rol normativo da experiência. A experiência é, no mínimo, uma fonte e fundamento do “conhecimento de Deus” para os Bennett. Ademais, o lugar normativo da experiência é a “vida interior”. Os Bennett, também, no melhor dos casos, minimizam, ou, eliminam, o papel da mente do homem na “experiência interior”.

Na Bíblia, como em todo o antigo Oriente Médio, o “coração” é um símbolo que denota o homem em sua totalidade. Em consequência, objetamos o uso que os Bennett fazem do termo “coração”. O descobrimento de Deus, o conhecimento de Deus que os Bennett discutem, não é algo que pode ser articulado ou verbalizado claramente. Antes, é uma compreensão imediata, uma intuitiva captação de Deus. Esta insistência sobre o caráter normativo da experiência pessoal, surge em parte da posição de fé particular, individual que é comum entre os neopentecostais. Como chega o neopentecostal a esta posição de fé particular, individualista? Lê ou interpreta as Escrituras de uma perspectiva individualista. A perspectiva com que opera influi em sua interpretação da Bíblia. Sua interpretação da Bíblia, por sua vez, fortalece sua posição individualista. Ademais, cremos que a posição de fé individualista do neopentecostal compromete a visão de pacto da Bíblia, a qual tem sido discernida pela comunidade reformada, e que tem sido um fator importante na interpretação bíblica na comunidade reformada.

Consideremos outro exemplo que tem que ver explicitamente com uma leitura particular de uma passagem específico da Bíblia: Atos 9, que apresenta a conversão de Paulo:

Ainda que a Escritura não assinala, neste lugar, que Paulo tenha falado em línguas, sabemos que sim pelo que escreveu em 1 Coríntios 14:19. “Dou graças a Deus porque falo em línguas mais do que todos vós”(pg. 32).

A técnica de interpretação bíblica que está em uso aqui pode ser expressada em forma de silogismo:

1. o falar em línguas forma parte de um padrão de certas situações no Novo Testamento que são similares a esta.

2. Em conseqüência, o falar em línguas poderia e deveria ter ocorrido nesta situação.

3. Logo, nesta situação, falou-se em línguas.

Em vista do mal-uso que se fez desta técnica na igreja cristã durante o período medieval, confiamos em que seja uma técnica que os Bennett não usaram conscientemente.

Nesta citação se baralham textos da Bíblia como se foi sem peças intercambiáveis, um mosaico. Uma posição prévia de compromisso frente ao papel das línguas governa a interpretação do texto. Ademais, todos os textos estão impressos com a mesma tinta. a mensagem específica de um determinado texto é citado livremente. Faz o texto dizer o que não disse e não podia dizer. Nesta ilustração, a autoridade da Bíblia opera de uma maneira que é dissociada do texto da Bíblia. Está em operação um reconhecimento formal da autoridade e normatividade da Bíblia, mas esse reconhecimento não depende do texto da Bíblia. De onde se origina este tipo de autoridade? Sugerimos que uma tradição particular da comunidade cristã é a fonte deste conceito de autoridade, não o texto mesmo. O baralhar de textos encontrado nesta ilustração é um exemplo, incidentalmente, das distorções que podem resultar quando se abusa de um bom princípio reformado de interpretação bíblica: A Escritura interpreta as Escrituras, a analogia da Escritura.

Os neopentecostais insistem em que a Bíblia com freqüência funciona como a resposta a seus problemas privados nas circunstâncias do momento. Esta insistência resulta freqüentemente no atropelo de parte dos neopentecostais à natureza literária da Bíblia. Esta sorte de interpretação bíblica converte as palavras da Bíblia em indicações do Espírito pelas quais proporciona uma mensagem privada, imediato e concreta de Deus a um homem específico que resolve um problema específico e imediato do presente desse homem. Esta forma de leitura e interpretação bíblica nega o caráter de história da redenção da Bíblia.

A edição de julho-agosto de 1972 de Logos, conhecido periódico pentecostal, contém um artigo escrito por Jim Handyside que leva por título: “O Espírito Santo vem a Clydebank”. Neste artigo, o Sr. Handyside descreve o processo mediante o qual Deus indicou sua aprovação do intento de Handyside de obter um novo lugar de reunião para sua congregação.

Vimos que era tempo de confiar em Deus para um lugar de reunião mais adequado, onde pudéssemos nos reunir para adorar de uma forma designada biblicamente. Orando e buscando a Deus longa e fervorosamente, li a promessa de 2 Samuel 7: “Pois tu ó Senhor dos Exércitos,

Deus de Israel, fizeste ao servo esta revelação, dizendo: Edificar-te-ei casa”. Poderia essa promessa dada a Davi antigamente ser a resposta de Deus para mim, centenas de anos depois? Quando conversei a respeito com minha esposa, ela confirmou o que o Senhor lhe havia falado muito claramente, um ano antes, por meio do mesmo versículo, e com impressão divina tão grande que ela o havia marcado em sua Bíblia em essa oportunidade. Mas, por que haveria ele de edificar-nos casa? (pg. 39).

Não é necessário ser especializado em estudos bíblicos para notar que há um jogo de palavras com “casa” em 2 Samuel 7. Davi queria edificar uma casa para Deus, mas Deus, em vez disso, prometeu-lhe que edificaria sua “casa” ou a dinastia de Davi. Deus reservaria o trono de Israel para a família de Davi. A linhagem de Davi constitui a casa que Deus lhe edificaria, não uma casa de tijolos e concreto.

Os Bennett escrevem que este tipo de inspiração é para bênção. Não para doutrina. Este tipo de interpretação bíblica é para o cristão como indivíduo quando lê e interpreta a Bíblia privadamente, quando Deus lhe fala por meio da Bíblia em relação às circunstâncias em que se encontra.

Inerente a este uso privado da Bíblia está sempre a possibilidade de que influa na captação do “ensinamento” da Bíblia. A separata Ágape Power (Poder Ágape) da edição de Logos para julho-agosto de 1972, contém um artigo de Kathryn Kuhlman intitulado “A Palavra de Deus tem a resposta”.

Este artigo ilustra que a leitura ou interpretação bíblica privada, individualista, que se supõe é produto da atividade imediata do Espírito Santo, pode trasladar-se facilmente da zona da conduta privada à da “doutrina”. Ora, tal “doutrina” é ruim. Não está sujeita à avaliação crítica da comunidade cristã, está em conflito com a interpretação bíblica histórica da comunidade cristã. Esta “doutrina” ignora a questão hermenêutica sobre a influência do meio ambiente sobre o significado ou conteúdo das palavras, declarações, e método de narrar uma história e de descrever acontecimentos.

Deus é somente um Espírito ou tem um corpo?

Creio que temos evidência bíblica de que Deus tem corpo. Você e eu fomos feitos à imagem e semelhança de nosso grande Criador. Aprecio saber que quando olho para cima, para o meu Pai celestial não estou falando só a um Espírito. Estou conversando com meu Pai Celestial que tem um corpo. Quer mais provas bíblicas? Lembra-se que Moisés e Deus eram muito íntimos. Um dia Moisés fez uma petição a Deus. Disse: “Rogo-te que me mostres tua glória”. Deus lhe respondeu: “Farei passar toda a minha bondade diante de ti, e te proclamarei o nome do Senhor, ... Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da

penha, e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando em a mão, tu me verás pelas costas, mas a face não se verá” (Ex. 33:18-23). Portanto, Deus, ao falar de si mesmo, fala de seu rosto e suas mãos; e Moisés lhe viu as costas do corpo de Deus. Deus é mais que Espírito; Deus tem corpo.

Esta leitura ou interpretação de Êxodo 33:18-23 isola uma passagem do contexto de toda a Bíblia. Nesta interpretação toda a linguagem que se usa na Bíblia se põe em um mesmo plano. A linguagem “direta”, idêntica à usada quando se afirma “hoje é segunda-feira” ou “agora são uma hora da manhã”. Esta interpretação ignora os matizes da linguagem que se fazem visíveis quando alguém considera formas literárias em que uma peça literária em particular é apresentada e o contexto histórico dentro do qual foi escrita uma peça de literatura em particular. Ademais, esta interpretação ignora a forma em que historicamente a igreja tem tratado os chamados antropomorfismo e opta por uma interpretação que a igreja cristã tem rechaçado uniformemente. Esta interpretação considera que a linguagem usada na Bíblia acerca de Deus são descrições diretas, linguagem informativa. Através da história, a igreja cristã tem rechaçado unanimemente esta posição.

O neopentecostalismo recusa qualquer esforço de “estudar” a Bíblia com as ferramentas lingüísticas e históricas que tem sido desenvolvidas na igreja. Estas, supõe eles, dão um sabor de infidelidade a Bíblia. Indicam pouco desejo de submeter-se corporativa e individualmente a Palavra de Deus. Walter J. Hollenweger (Los Pentecostais, Pe. 298) afirma que entre os pentecostais um todavia encontra o ponto de vista de que a Palavra de Deus não se ensina na igreja para discutira, mas para obedecera. Nós negamos que estas dos coisas sejam consideradas como alternativas. Todo estudo da Bíblia na comunidade cristã tem como seu objetivo chegar ao fiel discipulado. O uso de as ferramentas da história e a lingüística no estudo da Bíblia es finalmente com o propósito de discipulado. A erudição é posta ao serviço do discipulado pela comunidade cristã sob a direção do Espírito Santo de Deus. A comunidade reformada jamais há rechaçado o uso das ferramentas da lingüística e a história quando é para ajudar à comunidade a viver em conformidade com a Palavra de Deus.

Historicamente a comunidade reformada há insistido em que as ferramentas da erudição sejam usa das de um modo que seja compatível com nossa consagração à Bíblia como Palavra de Deus e à prática de um discipulado que seja compatível com o evangelho.

O Sínodo de 1972 deu à Igreja Cristã Reformada o “Informe 44” com o fim de proporcionar “linhas mestres para nossa compreensão e posterior discussão da natureza e alcance da autoridade bíblica” (Atas do Sínodo, 1972 Pg. 66, Recomendação Nº. 3). Na parte V, do informe, (entitulado “Conselho Pastoral”) “O Sínodo exorta às igrejas a vigiar, que

se realizem estudos bíblicos de uma maneira cuidadosa e disciplinada, reconsiderando submissamente os pensamentos das Escrituras mesmas; e em conseqüência, adverte contra o uso de qualquer método de interpretação bíblica que exclua ou ponha em dúvida o caráter de relato de acontecimentos ou sentido revelacional da história bíblica, comprometendo assim a plena autoridade da Escritura como a Palavra de Deus” (Atas do Sínodo, 1972, pg. 541, N.º 5). Ao explicar este conselho, o informe declara: “A erudição bíblica pode realizar-se criticamente, com o esclarecimento de que a “crítica” não implica em uma negativa a submeter nosso pensamento fielmente às Escrituras ou uma negativa a responder de todo coração ao poder iluminador do Espírito Santo que nos deu a Palavra. Os estudos bíblicos podem levar-se criticamente se entendemos que crítica significa meditar cuidadosa, disciplinada e analiticamente nos pensamentos da Escritura mesma.

“Assim entendidos, os estudos crítico históricos, harmonizados com a doutrina da inspiração orgânica, tem contribuído a uma apreciação mais rica da verdadeira dimensão humana e histórica da Escritura como Palavra de Deus para o homem. Estas considerações científicas da Bíblia tem culminado em estimulantes formas de ter um melhor entendimento do fundo cultural e contexto histórico da mensagem bíblica” (Atas do Sínodo, 1972, Pg. 541) .

A perspectiva relativa aos estudos bíblicos que se encontram no “In-forme 44” difere fundamentalmente da perspectiva que opera nas ilustrações de interpretação bíblica entre os neopentecostais que temos usado para discernir a hermenêutica atuante entre eles. Ainda que é certo que estas ilustrações surgem da leitura ou interpretação privada, individualista da Bíblia, que tem o desígnio de bênção individualista da Bíblia, que tem o desígnio de bênção individualista, privada, “não para doutrina”, a ilustração tomada do artigo de Kathryn Kuhlman indica que não há uma clara linha de demarcação entre as duas áreas. Ademais, objetamos a validade de uma separação entre leitura ou interpretação privada da Bíblia para “bênção “ e outro tipo de leitura (pública, em comum?) para “doutrina”. Esta desconexão é incompatível com a Pergunta e Resposta 65 do Catecismo de Heidelberg: “Se só a fé nos faz participantes de Cristo e de todos seus benefícios, de onde procede esta fé? Do Espírito Santo que a incende em nosso coração pela pregação do Santo Evangelho, e a confirma pelo uso dos sacramentos”.

Os neopentecostais parecem enfatizar a leitura privada da Bíblia como meio de graça por excelência e degradar a pregação da palavra e o uso dos sacramentos como meios de graça. A nosso juízo, este fenômeno resulta do individualismo que opera como um axioma não submetido a exame entre os neopentecostais. O apoio bíblico para este individualismo não foi demonstrado. Cremos que este individualismo deve mais ao espírito dos movimentos de Iluminismo dos séculos 17 e 18 do que à atividade do Espírito Santo. Não queremos reduzir a

importância dos exercícios devocionais privados que inclu- em leitura, estudo da Bíblia, oração , etc. Queremos afirmar, contudo, que, ainda, nossos exercícios devocionais privados são atos de uma pessoa que é membro do corpo de Cristo. Queremos enfatizar a interdependência que caracteriza ao organismo de Cristo. O indivíduo, por suas vez, contribui com sua singularidade que lhe é própria como criação especial de Deus ao enriquecimento da comunidade de Cristo. A interdependência é uma expressão que pode ser útil ao descrever a relação entre um e os muitos na comunidade cristã.

Freqüentemente as fontes neopentecostais distinguem os estudos bíblicos que usam as ferramentas estabelecidas da lingüística e a história dos estudos bíblicos que são resultado da iluminação ime-diata, privada do Espírito Santo. O primeiro é rechaçado e o último exaltado. Mel Tari (A Mighty Wind, Um Vento Impetuoso, págs. 32, 33) indica que a crítica textual também é ofensiva a muitos neopentecostais quando quita aos neopentecostais um de seus textos favoritos.

Louvido seja Jesus pela simplicidade do Evangelho. Nosso Evangelho, com freqüência, é motivo de zombaria. Quando lemos o trecho de Mar-cos 16, começamos a nos perguntar por que não o achamos nos manuscritos mais antigos. Assim, começamos a pesquisar aqui e ali pela Palavra de Deus. Estudamos esse texto por dez anos e dizemos: “Neste manuscrito aqui o teremos e neste outro não, e assim, teremos que considerá-lo pensar bem sobre ele, antes de tomar uma decisão”. Nós na Indonésia não somos tão inteligentes para fazê-lo. Os missionários nos trouxeram o “Livro Negro” e nos disseram que toda a Bíblia era a Palavra de Deus e que teríamos que aceitá-la. Assim, aceitamo-la e cremos. E se fomos estúpidos ao fazê-lo, Deus usou nossa estupidez para sua glória, porque por seu poder demonstrou que sua palavra é verdade. Eu louvo a Deus por que não importa o que tenham falado os ditos sábios americanos sobre alguns versículos, nós na Indonésia, pelo poder de seu Espírito Santo, temos experimentado todas as coisas descritas em Marcos 16.

Os Bennett, em uma declaração mais modesta e mais sofisticada, apresentam o mesmo argumento em relação ao texto de Marcos 16:9 e segts.

Estamos completamente conscientes que esta passagem ao final de Marcos tem sido questionada pelos sábios, e desprezada por muitos como uma “adição posterior”. Em algumas traduções populares modernas tem sido “rebaixado” para uma nota de rodapé de página. Um amigo nosso, o Senhor George Gillies, hábil líder no ministério de pequenos grupos, disse acerca disto: “Ainda como nota de rodapé, mesmo assim, serve!” Não se necessita ser muito sábio para ver que há uma brecha entre os versículos 8 e 9 de Marcos 16 — mas quem quer que tenha proporcionado o “final perdido” do Evangelho de Marcos, seja

o mesmo Marcos, ou alguma outra pessoa, virá dos primeiros tempos, e foi aceitado nos primeiros dias da Igreja. Chegou a fazer parte das Escrituras canônicas. Ainda que o final perdido esteja ausente em dois dos documentos mais antigos que conhecemos, está, contudo, presente em muitos outros. Tudo nele é confirmado em todo lugar por outros incidentes das Escrituras. Dizemos desta passagem: “Pode ter sido uma passagem perdida, mas alguém a encontrou e a inseriu de volta em nossas Bíblias. Parece que o Espírito Santo a queria nesse lugar! Devemos ter muito cuidado ao seguir o ensinamento da crítica textual dos sábios da tradição liberal e modernista, a quem se lhes apraz extrair, se possível, tudo o que é sobrenatural à Escritura. (pág. 58, nota N-º. 2).

Agora resumimos nossos descobrimentos com respeito à hermenêutica discernível da literatura neopentecostal e do individualismo que é visível como uma suposição de que é ocorre entre os neopentecostais.

1. Nos grupos neopentecostais e na comunidade reformada, a Bíblia tem uma importância e significância única. A Bíblia é a Palavra de Deus, nossa única regra infalível de fé e conduta.

2. Entre os neopentecostais a Bíblia tem uma função completamente diferente da que tem na comunidade reformada. Os neopentecostais enfatizam a leitura privada, individualista da Bíblia, que é o resultado da iluminação direta e imediata do Espírito Santo. Este tipo de leitura tem sua origem na congregação do neo-pentecostalismo ao individualismo. Supõe-se que o crente é um indivíduo isolado na presença de Deus, que o confronta diretamente.

Nesta confrontação e iluminação a Bíblia serve como veículo necessário e indispensável; no entanto, a iluminação do Espírito está dissociado do “sentido” da Bíblia.

Na comunidade reformada a leitura ou interpretação da Bíblia tem sempre uma dimensão de comunidade. O Espírito foi dado à comunidade inteira. O indivíduo participa de um Espírito como membro da comunidade, não de forma isolada da comunidade. Ainda mais, a operação do Espírito na comunidade é mediata, não é imediata. Em relação com a interpretação bíblica, as ferramentas da lingüística e da história constituem meios usados pelo Espírito para guiar à comunidade na verdade da Bíblia. A interpretação ou leitura da Bíblia não se desconecta das estruturas lingüísticas, nem do contexto cultural nem do marco histórico dentro dos quais os livros da Bíblia foram escritos.

3. Entre os neopentecostais o caráter historicamente condicionado da Bíblia e da interpretação da Bíblia pela comunidade os mini-mizado ou rechaçado. A preocupação neopentecostal os a mensagem imediato de Deus para o indivíduo – a “benção” de Deus.

A comunidade reformada está consciente do condicionamento histórico da Bíblia e da interpretação da Bíblia pela comunidade, a aceita e a afirma, ainda que não haja uniformidade de ponto de vista em questão de detalhes.

4. Entre os neopentecostais a Bíblia parece ter dois papéis distintos que são independentes um do outro: A Bíblia é a fonte de “doutrina” e a fonte de “benção”. “Doutrina” parece significar o simples evangelho: o homem é pecador; Deus provê salvação para o pecador em Cristo, etc. “Benção” se refere à mensagem imediato de Deus dado diretamente a um homem específico a través do veículo das palavras da Bíblia, mas desconectado do “sentido” da Bíblia. “A doutrina” poderia ser uma questão da comunidade. (Sem embargo, há muito pouca literatura que um pode explorar para entender o significado da expressão para os neopentecostais). “Benção” é assunto privado, individualista.

Na comunidade reformada, “doutrina” e “benção”, fé e conduta, forma e conteúdo, ou corporativo e o individual não tem sido desconectados como pólos opostos. Por isto é que a comunidade reformada há discernido o padrão de operação divina através do pacto. Deus usa a comunidade cristã como suas mãos e como sua voz. O indivíduo é moldado pela comunidade, e por sua vez o indivíduo influi na comunidade a medida que cumpre seu compromisso como discípulo. A mutualidade caracteriza a vida da comunidade reformada.

5. Entre os neopentecostais há desconfiança nas ferramentas da lingüística e da história aplicados à compreensão da Bíblia. Isto inclui a ciência da crítica textual. Estas são ferramentas humanas forjadas pelo homem e que obscurecem a obra do Espírito de Deus.

Ainda que a comunidade reformada reconheça que alguém que usa ferramentas históricas e lingüísticas pode estar “praticando” a incredulidade ao usá-las, entretanto, a comunidade reformada valoriza as ferramentas do historiador e do lingüista. A comunidade reformada, reconhecendo e afirmando o caráter mediato da auto-revelação de Deus, não conhece outra forma de compreender a Bíblia do que o modo de usar as ferramentas históricas e lingüísticas que têm sido forjadas. O Informe 44 (Atas do Sínodo, 1972), nos proporciona o marco dentro do qual cumprem sua função legitimamente as ferramentas da lingüística e a história.